

NA NARRATIVA JUVENIL PÓS-MODERNA: UM PASSEIO POR *PÂNTANO DE SANGUE*, DE PEDRO BANDEIRA

TEEN NOVEL POSTMODERN: WALKIND IN THE *PÂNTANO DE SANGUE*, BY PEDRO BANDEIRA

Eliane Simeoni¹
Sidinei Eduardo Batista²

RESUMO: O presente trabalho objetiva focar o leitor literário como produtor de sentido no texto, destacando que este o faz a partir dos seus horizontes de expectativas e da capacidade de construção de sentido para a obra. Para tanto, a pesquisa a ser empreendida, respalda-se nos postulados de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, que refletem o método da Estética da Recepção e a Teoria do Efeito. A partir deste postulado, o leitor e a leitura surgem como elementos privilegiados nos Estudos Literários. Neste sentido, om intuito de tornar o ato da leitura um momento prazeroso e significativo, propomos como objeto de análise deste texto, a narrativa juvenil *Pântano de Sangue*, de Pedro Bandeira. Esta narrativa propõe uma temática que aborda o suspense como linha condutora do seu enredo, o que acreditamos ser provocador de interesse para os jovens. Isso, pois, devido ao seu elo instigador entre: amizade, mistério e aventura. Na perspectiva de análise, a qual submeteremos a obra de Bandeira, sugere que o texto literário não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores.

.

Palavras-chave: Estética da Recepção. Literatura. Formação de leitores.

¹ Eliane Simeoni – graduada do curso de Pedagogia (UEM/ UEPG), graduanda do curso de Letras: Português/Espanhol da Faculdade Alvorada de Maringá. Especialização em Fundamentos e Metodologia da Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

² Sidinei Eduardo Batista - Mestre em Letras (Estudos Literários) – UEM. Doutorando em Letras (Estudos Literários) – UEL. Pesquisador do Grupo: Representações do Poder na Literatura Brasileira: das vozes referidas às representadas.

ABSTRACT: This paper aims to focus on the literary reader as producer of meaning in the text, noting that this is from their horizons of expectations and the sense of building capacity for the work. Therefore, the research to be undertaken, backs up the postulates of Hans Robert Jauss and Wolfgang Iser, which reflect the method of *Aesthetics of Reception* and *Effect Theory*. From this premise, the reader and reading emerge as key elements in Literary Studies. In this sense, in order to make the act of reading a pleasant and significant moment, as we propose this text reviewed, teen novel, *Pântano de Sangue*, by Pedro Bandeira. This narrative suggests a theme that addresses the suspense as driver of its plot line, which we believe is provocative of interest to young people. This therefore because of its link instigator of friendship, mystery and adventure. In analytical perspective, which will submit the work of Flag, suggests that the literary text is not presented as absolute novelty in an empty space, but, through notices, visible and invisible signs, family traits or implicit indications, predisposes its audience to receive it in a very definite way. It awakens the memory of ever read, gives rise early on expectations of "middle and end," leads the reader to a particular emotional stance, and with all this, anticipates a general horizon of linked understanding, which can then - and not before - put the question about the subjectivity of interpretation and taste the various layers of readers or readers.

Keywords: Aesthetics of Reception. Literature. Formation of readers.

1. O texto literário sob as Teorias do Leitor: A Estética da Recepção

A relação leitura e literatura, embora evidente, só passou a ser considerado, dentro do campo dos estudos literários, a partir das primeiras décadas do século XX com o surgimento das teorias destinadas à recepção que destacavam a obra sob a recepção do leitor. Isso ocorreu de forma mais sistemática, porém, somente a partir dos anos 1960 com a ascensão dos estudos pós-estruturalistas. São duas as principais tendências teóricas orientadas para o leitor: as teorias de resposta americanas e a estética da recepção alemã. Contudo, também a crítica fenomenológica, a desconstrução, a crítica psicanalítica, a semiótica estruturalista, e até a New Criticism americana contribuíram para o avanço e a conquista da autoridade do leitor enquanto sujeito, por excelência, da concretização da literatura. ZAPPONE (2005) acredita que esse interesse é tributário, em grande parte, do redimensionamento das noções de autor, de texto e de leitor ocorrido na teoria literária na metade do século passado.

Neste sentido, a concepção de que o texto e conseqüentemente, o significado do texto, pertenciam ao autor deteriora-se como podemos ler em ZAPPONE (2005), que relata que o autor, nas últimas décadas, teve a sua morte declarada. Desse modo, embora seja o produtor do texto, ou seja, aquele que articula linguisticamente as ideias, sentimentos, posições, entende-se hoje que ele não controla o(s) sentindo(s) que a sua produção pode suscitar. Dessa forma, o autor não mais é considerado detentor do sentido do texto nem pelos leitores, nem pelos responsáveis por editar o objeto a ser lido.

O texto, por sua vez, desvencilhou-se das amarras estruturalistas/funcionalistas que atribuíam exclusivamente as chaves para a interpretação de uma obra. A partir de novas abordagens da linguagem (pragmática, teoria da enunciação, análise do discurso), que passaram a considerar mais enfaticamente a relação linguagem-sociedade, o texto deixou de ser mera organização linguística que “carrega” ou que “transmite” pensamentos, informações ou idéias de seu produtor. (ZAPPONE, 2005, p.153)

Seguindo esse percurso até agora descrito, e se consideramos “a morte” do autor, o leitor passa a ser determinante no processo de leitura, pois cabe a ele a significação do texto literário. A constituição material do texto, o preto da tinta e o branco do papel só se transformam em sentido quando alguém resolve ler.

E, assim, os textos são lidos sempre de acordo com uma dada experiência de vida, de leituras anteriores e num certo momento histórico, transformando o leitor em instância fundamental na construção do processo de significação desencadeado pela leitura de textos (sejam eles literários ou não). (ZAPPONE, 2005, p.154)

Como percebemos, até o momento, houve uma mudança na tradição, o modo de perceber a constituição da literatura. Neste projeto, nos interessam as teorias que abordam o leitor e sua importância na literatura, sobretudo o trabalho de Wolfgang Iser *O Ato da Leitura, Uma Teoria do Efeito Estético*. Contudo, nos utilizaremos dos demais autores que abordam o leitor e sua importância para a concretização do texto literário. Partindo desta perspectiva, pretendemos observar como o leitor pode ou não ser motivado a um horizonte de expectativa, diante de uma obra literária, pelos meios de mediação da leitura que a circundam e por seu próprio repertório. Por exemplo, as noções de período literário, os meios de circulação da obra, o estilo, o gênero e mesmo o título. No caso deste projeto, a obra literária que constitui o *corpus* de análise é o livro juvenil de Pedro Bandeira, *Pântano de Sangue*. Partimos do pressuposto de que, por exemplo, o título da obra de Bandeira já sugere um horizonte de expectativas para o seu receptor, portanto, certamente, sugere para o leitor uma narrativa que esteja envolta a fatores ligados à violência e a degradação física humana ou animal.

2. A Literatura Infantil: breve relato histórico e seu papel na construção de identidade do sujeito

O sociólogo brasileiro, Antonio Candido, em seu artigo *A literatura e a formação do homem* (1972), concebe a literatura como uma força humanizadora, atuando em sua formação, valorizando o lúdico. Imaginar e criar situações, pela necessidade de consumir fantasias, antecipa o pragmático e racional. Formadora, a

literatura é capaz de transfigurar o real, sendo uma arte que carrega como a vida, tanto para o bem quanto para o mal.

Deste ângulo, faz sentido a importância com o contato literário, entendendo como foi a trajetória destinada as crianças e aos jovens em meio a uma sociedade feudal, que pela ascensão da burguesia teve seus valores modificados, na estrutura familiar, na visão de educação, na adaptação da escola, e o atendimento ao capitalismo dominante. Dentro deste contexto, a literatura infantojuvenil, inicialmente inexistente, passa a existir com uma função pedagógica e moralista, usada como instrumento da ideologia dominante e objeto de apreço comercial, seguindo a evolução histórica.

O conceito de literatura infantil surge no momento em que as preocupações sociais se voltam para a criança. Ela “passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, p. 17).

Até então, criança, era impedida de ter uma aprendizagem adequada para sua idade, obtendo apenas uma educação imposta pela sociedade e pela igreja nos moldes dos adultos. No século XV, segundo Ariès (1981), a criança não passava de um adulto em miniatura.

[...]. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais deste. (ARIÈS, 1981, p.156).

A partir do século XVII, segundo Ariès (1981), houve uma mudança dessa formação mais voltada para a religiosidade, com uma educação pela aprendizagem, aproximando a escola e a família, da criança. Deixando de ser vista apenas como um adulto em miniatura, ela passa a ser compreendida como um ser frágil que precisa receber um tratamento cuidadoso e específico para sua idade. No entanto, “O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto” (ARIÈS, 1981, p. 156).

Considerando este momento histórico, a infância até então inexistente, tem seu surgimento com a ascensão da burguesia, nova organização familiar e a revolução industrial. A educação torna-se meta fundamental na preparação dos

jovens para o trabalho e desempenho social. Repensam-se os produtos culturais destinados aos alunos principalmente o livro. Ele surge com um destinatário específico, a criança, que passa a ter um lugar na sociedade. Aliado a transmissão de valores da classe dominante, o livro tem a função de moldar o jovem leitor aos anseios capitalistas. As histórias que conquistaram maior sucesso, foram os contos de fadas, com teor pedagógico e manipuladores de ideologias, como esclarece Lajolo (1988):

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO, 1988, p. 18).

No Brasil, a Literatura nasce no final do século XIX. As manifestações literárias coincidem com a abolição, a República e o moderno capitalismo. O crescimento urbano, o advento da imigração e o êxodo rural, originam o consumo de livros escolares de acordo com a campanha de alfabetização do início do século XX.

A escola, é encarregada oficial de veicular os livros de literatura para crianças e jovens. Assim, privilegia temas que desenvolvam o patriotismo, caridade, aplicação nos estudos, constância no trabalho, dedicação a família e a idealização da pobreza. Essa situação se altera a partir revolução de 30. Atua com uma dualidade: uma escola atrasada, para os lugares mais pobres e outra exigente, para as mais ricas.

A ênfase dada à literatura infantil, deve-se grandemente ao seu receptor, que deixa de ser só crianças, para se transformar em público de todas as idades. Representando os conflitos sociais brasileiros, alguns autores aproximam-se do realismo mágico e encontram uma linguagem menos transparente para questionar o real.

A abertura escolar a população, gerou um grande número de leitores em potencial. Fatores externos contribuem para a ênfase de temas voltados para as vozes minoritárias (da mulher, do negro, classes marginalizadas). Recriada, a Literatura, passa a desenhar a política ou o lugar da criança e do jovem na sociedade, tematizando situações do cotidiano e da realidade como ela é, provocando o amadurecimento no indivíduo.

As obras genuinamente brasileiras, começam a ganhar espaço dentro da produção cultural. A partir desse momento, a literatura infantil desponta novos rumos: inicia-se a linha social, adentra à vida real, ao mundo problemático, bem diferente do mundo idealizado de antes. Nesse novo contexto, a criança passa a integrar efetivamente na vida social, cheia de conflitos, problemas e dilemas, uma vez que fazendo parte da sociedade, passou a expor seus conflitos, percebia, sentia, vivenciava este mundo, que as histórias infantis passaram a representar. Sobre este novo contexto, Zilberman (1988) declara:

Têm-se histórias que internalizam, na personagem infantil, as várias crises do mundo social. Essa linha social da narrativa infantil brasileira contemporânea tem desdobramentos importantes, que fazem debruçar-se, por exemplo, sobre a perda da identidade infantil. LAJOLO e ZILBERMAN (1988).

Tais obras passaram a merecer extremo cuidado, desde a qualidade do papel, diagramação e ilustração. O livro torna-se cada vez mais agradável, chamativo, a busca de seus leitores, como aliado, ele ainda conta com a liberdade de expressão, posições sociais e ideologias variadas. O processo de globalização, avanços tecnológicos, a velocidade das informações e a relação com a internet.

Com respeito ao jovem, é acelerado e multiplicado seu campo literário. Com a produção literal de consumo fácil. Tem-se nas camadas média e alta, faixas que ainda não produzem, porém consomem, estimulando a economia.

Qualidade e quantidade coexistem, autores criativos, críticos, garantem a excelência das obras. A situação, porém, não é tranquila para o leitor, que precisa além de se salvar do bombardeio de estilos, precisa conseguir chegar a um bom texto, encontrar seu espaço, para que possa espelhar-se nele e reconhecer seu papel fundamental como leitor e produtor de sentido.

3. A Literatura Infantil no Brasil: Monteiro Lobato e a construção de uma identidade nacional

A literatura infantil brasileira surgiu tempos depois do início da europeia. Com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, começaram a ser publicados os primeiros livros para crianças no Brasil, como afirma Zilberman e Lajolo (1986):

[...] a tradição de: As aventuras pasmosas do Barão de Munchausen e, em 1818, a coletânea de José Saturnino contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural. (LAJOLO; ZILBERMAM, 1986, p.23).

Essas publicações, segundo as autoras, eram esporádicas e insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira, para a infância. Somente após a Proclamação da República é que se iniciou de fato uma literatura infantil brasileira. Quando esta tentava consolidar uma política econômica que fornecia o café, produto básico para exportação, a mão-de-obra escrava começa a ser substituída pela mão-de-obra assalariada.

A modernização no Brasil se deu de cima para baixo sem levar em conta as peculiaridades de uma sociedade que queria abafar a realidade social de um país que abolira a escravidão e cuja economia centrava-se nas mãos de poucos com atividade baseada na monocultura e na exportação de matérias-primas. Influenciado por um momento de valorização, abordou o texto infantil como enunciador de normas e preceitos comportamentais. Somando quatro fases nesse processo de inserção da literatura no Brasil.

A primeira fase compreende o final do século XIX e início do século XX. A preocupação era com a modernização do país. A segunda fase abrange o período de 1920 a 1945, caracterizada como uma época de muitos conflitos, entre eles a situação da educação. O índice de analfabetismo estava muito alto e isso fazia com que o Brasil se caracterizasse como um país atrasado. A terceira fase é marcada pelo período da democracia (décadas de 50 e 60). No campo educacional a reforma de Capanema estava em vigência até que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada em 1961. A quarta fase compreende o período de 1970 e 1980, marcado por grandes transformações na literatura infantil o número de autores e obras aumentou, a linguagem e o ambiente das histórias estava mais próximas do cotidiano e da realidade dos brasileiros. Recuperou-se o folclore oral representado pela abordagem das modinhas infantis, canções de ninar e das brincadeiras de roda. A qualidade estética que reveste as produções destinadas ao público infantil na atualidade permite ao professor a possibilidade de apresentar o mundo mágico da literatura como suporte para as atividades de alfabetização, segundo BECKER (2001 p.35 – 41)

4. A Literatura Infantil como método de humanização da criança: um produto e uma necessidade: da origem da ficção policial à literatura policial para jovens

Até bem pouco tempo, em nosso século, a Literatura Infantil era geralmente considerada pelo adulto um gênero secundário e algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (forma de entretenimento). Sua valorização como formadora de consciência no universo cultural das sociedades e como recurso para o crescimento emocional é bem recente.

O livro deixou de ser especificamente utilitário e pedagógico recentemente. Apesar de termos, lá atrás, escritores como Monteiro Lobato, Ziraldo, Ruth Rocha entre outros responsáveis por momentos marcantes da literatura infantil e juvenil brasileira, há apenas uns dez ou 15 anos, estamos vivendo esse outro momento, de considerar o livro infantil como lúdico.

As histórias policiais emprestam ao leitor a noção de que o crime não compensa, porque a saga desenvolvida ao seu redor sempre culminará com o criminoso sendo preso. Este gênero, teve sua origem desde os tempos da publicação de “Os assassinatos da Rua Morgue”, de Edgar Allan Poe, que veio ao público nas páginas do Graham’s Magazine, periódico que circulava na Filadélfia em 1841. O mesmo Poe tornou-se um dos escritores de maior destaque no campo da ficção ao redor do macabro e do mistério, sendo hoje reconhecido como maior nome do romantismo norte-americano.

Os dois maiores criadores em uma sequência posterior à produção de Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle, com a publicação de “Um estudo em vermelho”, no ano de 1887, apresentaria ao público com o mundialmente conhecido detetive Sherlock Holmes. Décadas depois, a escritora Agatha Christie daria início ao périplo de aventuras protagonizadas por seu detetive, Hercule Poirot, em publicações policiais tornando sua autora na mais bem-sucedida romancista da literatura mundial em número total de livros vendidos e distribuídos.

No Brasil, segundo registros, o primeiro romance policial escrito e publicado foi O mistério, uma parceria entre Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Medeiros e Albuquerque e Viriato Corrêa. Esta narrativa foi publicada no jornal A Folha em 1920. Jerônimo Monteiro, na década de 30, lança o primeiro detetive brasileiro com mais de uma aventura, o detetive Dick Peter. Suas histórias misturavam mistério e

ficção científica. A mineira Lúcia Machado publicou em 1956, pela Editora Cruzeiro, sua obra *O Escaravelho do Diabo*. Em 1969 Maria Alice cria em sua obra: *Quem Matou Pacífico*, um detetive rural, Tônico Arzão.

A literatura policial infanto-juvenil apresenta características muito semelhantes à literatura policial do público adulto. Em ambas há um crime, um criminoso, a vítima e o detetive. O que os diferencia, além do público, é o herói. Nos romances policiais para adultos, o detetive é um adulto, enquanto no do público infantil são crianças ou jovens, com idades que se aproximam da do leitor. Para Vera Maria Tietzmann Silva, essa é uma característica importante do gênero policial infanto-juvenil.

Outra característica igualmente importante é que os detetives mirins desvendam o caso e levam vantagem, restando aos adultos o papel de coadjuvantes. O autor desse tipo de literatura passa a mensagem de confiança em si mesmo e fé no futuro (SILVA, 1994.p.14).

Além disso, o detetive mirim, para desvendar um mistério, geralmente se afasta da família, assim como nos antigos contos de fadas. O diferencial é que os vilões não são mais ou ogros ou monstros, por exemplo, mas é um homem mau. As crianças que se interessam por este tipo de narrativa geralmente têm entre 12 e 14 anos, que é compreendido, a criança se identifica com um herói humano e se interessa por histórias de aventuras.

5. *Pântano De Sangue: uma proposta de leitura*

Com o romance policial, a série “Os Karas” promove uma adequação do gênero ao leitor adolescente, como se observa pelos recursos estéticos de construção do texto, assim com jovens protagonistas dotados de grande inteligência, curiosidade e senso de justiça – como detetives capazes de elucidar os crimes revelados na trama.

Os Karas: Miguel, Magrí, Calú, Crânio, Chumbinho, um grupo de amigos que estudam no colégio Elite. Participam de várias aventuras de suspense nas quais desvendam crimes. Já no início do episódio, o querido professor Elias é encontrado morto, e Crânio não se conforma com o fato de ser um simples assalto seguido de morte. Então parte para o Pantanal Mato-grossense, que o professor visitara semanas antes. Lá é recebido pela Tia Matilde, excêntrica senhora que passeia pelo Pantanal com seu velho avião pintado de rosa-choque.

Mais uma vez Pedro Bandeira consegue misturar assunto sério com muita aventura e levar questões importantes a serem discutidas pelos jovens em todo o Brasil, com um diálogo jovial, sem a “chatice adulta”, tão malquerida pelos adolescentes. Dessa vez, os cinco amigos denominados “Os Karas!” – Magri (a única menina da turma), Calu (o ator e mestre em disfarces da turma), Miguel (o líder dos Karas), Crânio (o mais inteligente e também a personagem mais central) e Chumbinho (o novato que entrou para o grupo depois de ter um papel importantíssimo em *A Droga da Obediência* – começam a investigar o assassinato do professor Elias, que aparentemente foi assaltado e morto praticamente na porta do Colégio Elite, onde os jovens estudam.

Crânio convoca uma reunião dos Karas e afirma que a morte do professor não se tratava simplesmente de um assalto que acabou da pior maneira possível, e que na verdade o professor fora assassinado para silenciá-lo de alguma forma, e que a resposta estava no Pantanal. Por isso os Karas deveriam partir imediatamente e refazer o caminho que o professor Elias percorrera, seguindo os slides das fotos tiradas pelo professor. Todos acham tudo uma loucura, e apesar de sempre confiarem na inteligência de Crânio, Miguel decide que os Karas não devem se envolver, que não existem pistas suficientes. Crânio então parte sozinho para o Pantanal, onde deve se encontrar com sua tia, que mora por lá.

Entretanto os outros membros dos Karas recebem a visita do detetive Andrade, que não traz boas notícias. Um piloto de avião fora encontrado boiando em um rio, à beira da morte, com a jaqueta de Crânio e murmurando as suas últimas palavras em vida, sendo que uma delas foi o nome de Crânio. Os Karas então partem para uma aventura no Pantanal, no Mato Grosso, junto ao detetive – que está indo por conta própria investigar o caso, para resgatar o amigo.

Pedro Bandeira consegue integrar tantos assuntos sérios em uma narrativa tão atraente para todas as idades, inclusive os jovens. Assim como em “*A Droga da Obediência*” o autor aborda a questão do tráfico de drogas, só que um pouco mais abertamente. Em *Pântano de Sangue* também são abordados o crime organizado no Pantanal, a extinção dos jacarés por causa de sua valiosa pele e a figura do índio e como eles estão cada vez mais extintos enquanto os brancos massacram sua cultura e memória. Esta narrativa tem um enredo mais pesado do que a primeira obra dos Karas e isso só acrescentou qualidade à história.

5.1 Estrutura Textual da narrativa *Pântano De Sangue*

A narrativa de *Pântano de Sangue* é uma novela, este gênero é uma narração em prosa menor que o romance e maior que o conto. Portanto, é correto afirmar que se trata de um texto situado em posição intermediária entre o romance e o conto.

No Brasil, a novela tem seu lugar garantido na Literatura nacional. Livros como *O alienista*, de Machado de Assis, *O exército de um homem só*, de Moacyr Scliar, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, são exemplos de novelas em língua portuguesa. Há, ainda, outro critério, embora arbitrário, que acredita que as narrativas desenvolvidas em um limiar de cem a duzentas páginas possam ser classificadas como uma novela, observadas as semelhanças entre o conto e o romance.

5.2 A Narrativa Policial

Com relação aos esquemas textuais, Iser (1996) acredita que possibilitam interação entre texto e leitor, dando continuidade à leitura e seu entendimento. No que se refere ao repertório, que de acordo com Iser (1996) diz respeito ao conhecimento prévio que o leitor traz consigo para a leitura, podemos observar que, em *Pântano de Sangue*, esse esquema textual é caracterizado por uma retomada da narrativa policial anterior. Agora, ao começar sua leitura, o leitor já conhece o estilo de narrativa policial para jovens de Pedro Bandeira, pois leva em consideração sua leitura de *A Droga da Obediência*.

Assim, já espera a presença do grupo de detetives Os Karas, onde cada integrante tem suas qualidades específicas; um detetive adulto, suarento, gordo e desengonçado; e a uma narrativa recheada de ações e mistério, em que os detetives descobrem o crime durante a ação desse e são passíveis de erros e sofrimentos. Mesmo assim, o autor busca surpreender o leitor e quebrar suas expectativas iniciais à medida que se diferencia do livro anterior: a narrativa será conduzida em esquemas de sobreposições entre passado e presente, de forma a quebrar as expectativas do leitor e fazendo com que passado e presente se unam para que um explique o outro e desemboquem ao mesmo ponto em comum, o momento onde se encontram (passado e presente) e passam a ocorrer simultaneamente no momento presente.

Sendo assim, as características descritas funcionam como quebras de expectativas dos leitores, pois estes aguardam por algo e se deparam com o inusitado. Outra característica que funciona como uma quebra de expectativas é o conceito que o autor apresenta de ordem e progresso. Aqui o leitor pode se deparar com um conceito não tanto comum de que não se consegue progresso através da ordem, mas da desordem.

Além de contestar a noção de ordem e progresso, Bandeira também tenta mostrar em sua história que a noção enraizada de que o Pantanal é um verdadeiro paraíso, livre de ameaças e em constante paz reinante, é errônea e descreve através da fala dos personagens, os diversos problemas existentes no local, como a presença do crime organizado.

A grande quantidade de dinheiro e terras nas mãos de poucos fazendeiros, que leva à miséria de muitas pessoas: “Mas se você olhar direito, é capaz de chorar. A estupidez, a miséria e a ganância estão acabando com o Pantanal” (BANDEIRA, 2009b, p.25).

O problema do índio faz parte do grande problema que é a concentração de terras nas mãos de poucos. E o resultado é a miséria da maioria” segundo o autor. A destruição da natureza vegetal e animal:

[...] A derrubada e a queimada das árvores para criar pastagens vão levar o Pantanal à extinção em algumas décadas. Já não há lugar para pássaros, capivaras, onças e quatis. E, quando os arbustos novos começam a aparecer, mostrando o esforço de recuperação do Pantanal, os biocidas são pulverizados periodicamente para matar esses arbustos e manter ‘limpas’ as pastagens... o vento leva esses venenos para todos os lados, envenenando e matando animais e vegetação. Aqui, o povo chama esses produtos químicos de ‘mata-mato’. Só que isso está matando muito mais do que o povo pode suspeitar... (BANDEIRA, 2009b, p.49).

5.3 Uma leitura de *Pântano De Sangue*, De Pedro Bandeira, segundo a Estética da Recepção

Pântano de Sangue (2009), de Pedro Bandeira, inicia-se já com a morte do professor Elias, de matemática. Todos do grupo dos karas ficam muito tristes. Já aqui se faz um elo de afetividade, pois se este professor mesmo que de matemática, uma matéria não muito querida pelos jovens, causa tristeza, é porque definitivamente seu professor era muito popular entre os alunos por sua simpatia. Crânio acredita que tal morte está vinculada com o pantanal mato-grossense, pois o

professor fora torturado e morto na rua e seus pertences não foram roubados. Os horizontes de expectativas do leitor identificam indícios de um crime por um motivo além de um roubo corriqueiro, pelos indícios ditos pelo autor. O menino nota algo estranho ao examinar a maleta do professor: algumas das fotos da viagem que Elias fizera para o pantanal foram roubadas e tiradas da ordem, revelando que algum criminoso, após roubar as fotos, colocara outras no local.

As primeiras pistas são levantadas, através do conhecimento do comportamento organizado da vítima, sendo ele um professor metódico, não teria sua maleta em desordem. Crânio deduz que alguém que poderia ser comprometido por tais fotos, mandou matar o professor. As causas do crime parecem bem possíveis, considerando que o professor é merecedor de grande simpatia, fazer mal a ele seria preciso um motivo sórdido como esconder algo terrível. Crânio não é levado a sério pela turma dos karas ao expor suas suspeitas. Eles consideram que elas não têm sentido. O rapaz decide então ir para o Pantanal sozinho para desvendar o crime. Com essa decisão, o leitor sente-se justificado, já que desacreditado pelos amigos, cabe a ele encontrar maiores justificativas para suas suspeitas e só poderiam ser encontradas percorrendo o trajeto feito antes pelo professor Elias. Já no aeroporto, a cena que se segue, choca pela brutalidade de se colocar drogas dentro do cadáver de um bebê, o leitor sente o impacto da violência, que mesmo narrada em uma obra literária, não deixa de se fazer possível parte de alguma realidade.

O garoto hospeda-se na casa de sua tia Matilde, uma senhora que além de conhecida por todos, demonstra a sua feminilidade abusando de uma cor preferida que denota delicadeza. Começa a seguir a trilha deixada pelo professor nas fotos. Crânio é sequestrado por contrabandistas de jacarés, neste ponto, já o leitor reconhece que os perigos de um lugar distante e pouco amistoso não seria mesmo seguro para um rapaz com pouca experiência de vida.

Os karas são avisados por Andrade que Crânio sumiu no Pantanal e que apenas sua jaqueta e sua gaitinha foram encontradas. A turma então decide ir ao Pantanal junto com Andrade para descobrirem o paradeiro de Crânio. O leitor reconhece a força da amizade da turma, e entende que as pistas que Crânio precisava para convencer seus amigos, agora já eram suficientes pelo seu desaparecimento. Os *karas* descobrem como o amigo havia previsto que algo muito além de um crime comum estava acontecendo e que teria proporções muito

maiores. Por trás da grande beleza pantaneira, estava o contrabando de pele de jacarés e drogas, o fim das tribos indígenas e suas culturas, além da destruição da natureza.

Um vilão fora de suspeita, um sentimento de culpa por acreditar em sua bondade, pode levar o leitor a justificar pequenas dúvidas sobre o comportamento tão materno e por vezes instigadoras dessa tia. Ela consegue fugir da polícia em seu avião banhado a ouro, porém cai no rio após ficar sem gasolina. Um desfecho emocionante trágico, mas autêntico para um vilão, seu receptor sentiria ao fato, o dever cumprido para livrar a trama da impunidade.

Aspectos da narrativa policial na obra. Os crimes são violentos. Cadáveres, tiros e sangue percorreram toda a trama. Logo no primeiro capítulo, quando o corpo do professor Elias é encontrado, o leitor depara-se com a crueldade dos contrabandistas de drogas, que usam um bebê morto para o transporte de drogas: “– Não, a cocaína não estava nas roupas do bebê, senhor Sobrinho da Tia Matilde. Estava no bebê. O corpo dele estava costurado do pescoço à virilha. Os malditos esvaziaram as entranhas de um pobre cadaverzinho e o encheram com drogas!” (BANDEIRA, 2009b, p.42). Outro trecho que choca o leitor é quando Crânio descobre o que se esconde dentro do Pantanal, o espetáculo de horror, a pior visão de sua vida:

“(…) Ossos branqueavam ao sol, misturados às carnes putrefatas de centenas de jacarés. O cheiro era insuportável, mas a visão daquela barbaridade era pior. Cada uma das cabeças daqueles animais, que já habitava a terra a terra a milhões de anos antes de o homem aparecer, tinha dois buracos. (...). Em volta da chacina, um sem-número de urubus abatidos a tiros completava o absurdo” (BANDEIRA, 2009, p.64)

Doze corpos pendurados: “Pendurados no alto das árvores, doze corpos, balançavam ao vento” (BANDEIRA, 2009, p. 65). Esse recurso é utilizado pelo autor para chocar o leitor e prendê-lo a trama, característica encontrada em romances policiais.. A expectativa do leitor vai além, traz a ruptura do atendimento inicial das expectativas que seria a morte do professor para encobrir um criminoso descoberto por ele, mas o fato de tamanha violência, surpreendeu o leitor extasiado com tamanha proporção que a violência e a impunidade acontecia por aquele pântano.

Sangue que antes indicava a morte do mestre, agora abrange as demais vítimas da trama.

A tentativa de descoberta do vilão por trás dos crimes percorreu toda a trama. O gênero policial caracterizou-se por grande parte da narrativa que procurou desvendar quem era o criminoso. O grupo buscou descobrir quem era o assassino de Elias e sequestrador de crânio, descobriu uma verdadeira gama de crimes. Apenas no fim da narrativa a turma encontra a resposta da identidade do criminoso. Esta é uma característica do gênero policial: apresentar um falso suspeito. Miguel, o líder do karas, é quem descobre que a Tia Matilde era a criminosa. Crânio, o gênio da turma, se sente frustrado por ter acusado a pessoa errada. Crânio falhara por seu envolvimento com a criminosa, e por isso era difícil para ele fazer a revelação, mais uma vez o leitor compreende esse sentimento, pois se justifica pelo parentesco com a vilã.

Os detetives do romance policial e os leitores, geralmente possuem uma certa desconfiança da polícia. Nesta obra, além de desconfiar da polícia, desconfiam dos adultos: “Miguel não era de confiar nos adultos, e muito menos na polícia. Se o crime organizado estava agindo com tanta força no Pantanal, não seria de se esperar que houvesse bandidos infiltrados dentro da própria polícia?” (BANDEIRA, 2009, p.130). Porém essa desconfiança se desfaz quando se trata do detetive Andrade. Ele auxilia os garotos na descoberta do crime, os leva para o Pantanal e os trata como filhos e amigos: “Miguel e o detetive conheciam um ao outro como se fossem a mesma pessoa. E confiavam um no outro como se fossem um só. Tinham se tornado amigos na luta, na tremenda aventura de A droga da Obediência.” (BANDEIRA, 2009, p.1).

O receptor acolhe este discernimento entre a desconfiança em um personagem e a confiança em outro. Quando se propõe a leitura, alguns combinados são feitos entre leitor e obra, e um deles tende a justificar a escolha do outro. Os karas, são sequestrados e em alguns trechos, subtende-se que Crânio está morto, aumentando ainda mais o mistério: “Miguel falou baixinho, como um desabafo, para Magrí, sentada ao seu lado no avião: - Ele pode estar morto, Magrí. A esta hora, Crânio pode estar morto...” (BANDEIRA, 2009, p.8).

Deixando sempre espaços para que o leitor faça sua parte na produção junto ao autor. Sabendo que é possível tomar esta trilha de interpretação, mas por outro lado, não acreditando que siga por ela, uma vez que o leitor reconhece em Crânio,

um dos heróis da história e seu conhecimento de mundo o avisa que heróis geralmente não morrem antes de consolidar sua vitória.

6. Considerações Finais

Pedro Bandeira tinha como objetivo, em *Pântano de Sangue*, levar os jovens leitores à reflexão a respeito da destruição do pantanal mato-grossense e da cultura dos índios da região, além da concentração de terras nas mãos dos ricos, tendo como consequência a extrema miséria da maioria dos habitantes do Pantanal. Ele acredita que os jovens são a esperança para um mundo melhor: “minha esperança em um mundo melhor, em um futuro que vocês construirão com suas próprias mãos”. (BANDEIRA, 2009, p.192) O livro apresenta o cenário do pantanal aos jovens, imerso em problemas culturais e econômicos, com as maravilhas e as tragédias.

O senador um importante personagem na obra, como morador e defensor do Pantanal, apresenta a Crânio a realidade do lugar: “- A cocaína é apenas um dos ingredientes do panelão infernal que está sendo cozido por aqui. As drogas, o contrabando, o desmatamento, a destruição dos índios e o brutal extermínio dos jacarés e de tudo quanto é único no Pantanal misturam-se com uma receita dos demônios. Não sei se vai ser possível encontrar um antídoto para todo esse envenenamento” (BANDEIRA, 2009, p.38).

Robson tipifica os índios pantaneiros que abandonam sua tradição e cultura e adotam os costumes da cidade. Ele trabalha para máfia que mata jacarés, e assim se tornando um assassino do próprio meio, demonstrando não só a corrupção de suas origens como de seu caráter. Além disso, trabalha como guia, e mostra para Crânio o que o abate de jacarés faz ao pantanal. Assim como o Crânio, os leitores se deparam com uma realidade até então desconhecida por muitos: “-Veja, moço novo. A maior riqueza do Pantanal. O “colete” dele vale muito. Mas não valia nada quando o pai do avô do Robson pescava livre nesses rios. (...). O pai do avô de Robson contava que isso aqui estava cheio de jacarés. – E o que eu estou vendo é pouco? – Tinha muito mais, moço novo. (...). Por isso tem tanta piranha...” (BANDEIRA, 2009, p. 60).

Acontecimentos do passado mesclam-se a acontecimentos do presente. Além disso, como é comum nas narrativas de aventura juvenil, os jovens se afastam da família para resolver um caso, o deixa a eles um sentimento de liberdade, de quebra de protocolos e como declara o método recepcional, o fantástico antecede o pragmático, mesmo que ele não o realize, o que sente é como o tivesse feito e o torna satisfeito, porém na segurança de sua poltrona.

O gênero policial é um estilo que causa curiosidade ao leitor, faz com que seu horizonte de expectativa, eleja a sua leitura. O atendimento de suas expectativas e a confirmação delas durante a leitura a torna prazerosa, tornando o hábito da leitura cada vez mais próximo do jovem.

A obra possui características que lhe são próprias, como o detetive, o crime, o criminoso e a vítima. O autor deste tipo de literatura leva o leitor a raciocinar sobre a identidade do culpado e os enigmas apresentados. E foi exatamente o que o autor Pedro Bandeira fez, primeiramente conquistou o leitor por atender um enredo de seu interesse, o manteve com as afirmações de suas expectativas e os levou a ruptura pelo fato do enredo superar as suas expectativas devido a extensão da violência e o paralelo entre o fantástico e o real.

Bandeira presenteou os jovens leitores, detetives mirins, destemidos e comprometidos com a justiça. Estes detetives refletem o desejo do autor: ele deseja que os jovens tenham os mesmos valores que os karas, os leitores ideais no sentido de estarem dispostos a desvendar o crime, punir os criminosos e salvar os inocentes, bem como não deixar a morte do tão querido professor tivesse sido em vão, o sentimento de justiça feita.

Todo este aprendizado acontece de uma forma dinâmica e divertida; através do gênero policial, que prende o leitor à trama.

Embora de maneira panorâmica, acreditamos que atingimos o objetivo, pois, de uma forma geral, os apontamentos que fizemos desde a origem até sua ampliação na atualidade, nada mais é do que a representação da saga do leitor no momento da leitura.

Discutimos o leitor e a narrativa na pós-modernidade. O nosso objetivo era o de procurar um caminho que nos ajudasse na análise da novela. Buscamos a viabilização de um aparato teórico-metodológico que pudesse, por meio das estruturas textuais, por exemplo - o leitor implícito e os horizontes de expectativa -, perceber como o próprio texto acaba por induzir a uma possível leitura. Outro fato

que nos chamou a atenção foi a proposta de Iser (1996) a respeito das perspectivas do texto narrativo e, nesse plano perspectivíssimo, a sua elaboração sobre a condição variável do *herói* na narrativa moderna.

Realizamos um breve levantamento sobre a vida, a obra e a crítica a Pedro Bandeira. Destacamos alguns fatores que, tradicionalmente, apresentam-se como fomentadores e legitimadores do que se denomina literalidade em uma obra. Para tanto, recorreremos aos estudos de Jauss e Iser, que se preocupam, em grande medida, em verificar os horizontes de expectativas e o efeito que ocorrem no ato da leitura.

Lançamos uma leitura a *Pântano de Sangue* e, nos limites da narrativa, observamos as discussões expostas nos capítulos, como causadora dos efeitos no leitor. Buscamos compreender a obra como um fenômeno literário que representa o sujeito dos tempos modernos. A leitura de *Pântano de Sangue* de Bandeira revelou-nos características que margeiam entre o moderno e o pós-moderno e procuramos sustentá-la como uma obra pós-moderna.

Ao final, respondemos a algumas de nossas próprias indagações do início deste trabalho. Defendemos que a pós-modernidade, de fato, existe e está em nossa sociedade globalizada. Não podemos afirmar que seus efeitos são bons ou ruins, mas, sem dúvida, ela existe.

No entanto, como demonstra a epígrafe, assumimos o risco de afirmar que o horizonte de expectativas já inerente no leitor atua como força motriz para a escolha da leitura literária e que é visível o efeito que ela provoca em seu receptor.

A obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. JAUSS (1994, p. 28)

Em meio a essas teorias, não há como negar que a arte, como sempre ocorreu em todas as épocas da história da humanidade, tem retratado esse fato. Existem, sim, obras construídas nos moldes da pós-modernidade, mais especificamente, existem obras de boa qualidade constituídas nesses ditames e

trouxemos aqui *Pântano de sangue* de Pedro Bandeira, que além, dos elementos que aqui comentamos, traz muitos outros aspectos que comprovam nossa afirmação e admiração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: A formação do leitor: alternativas. Metodológicas.** Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família.** Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BANDEIRA, Pedro. **Pântano de Sangue.** 4ª Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BANDEIRA, Pedro. **Entrevista com Pedro Bandeira.**
www.globoeditora.com.br/joaocarlosmarinho/biografia.htm.

<http://bibliotecapedrobandeira.com.br> www.lpm-editores.com.br.

BATISTA, Sidinei Eduardo. **Um olhar Panorâmico sobre a modernidade e a pós-modernidade, no romance A Santa do Cabaré, de Moacir Japiassu.** Orientador: Adalberto de Oliveira Souza. 2012. Maringá: UEM/PLE. Dissertação de Mestrado.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas).** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** São Paulo: Nacional, 1973.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v.36)

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: _____. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Seleção, coordenação e prefácio de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias.** 5. Ed. São Paulo: Ática, 1991.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético, volume I.** São Paulo: Editora 34, 1996.

ZAPPONE, M. H. Y. **Estética da Recepção.** In: Thomas Bonnici; Lúcia Osana Zolin. (Org.). **Teoria Literária: Abordagens Histórias e Tendências Contemporâneas.** 2 ed. MARINGÁ: EDUEM, 2005, v. 1, p. 153-162.